



CUR, E. *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 49-73.

SOARES, M. *Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. n. 25. p. 5-17, jan/fev/mar/abr, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro et. al. *As dimensões do projeto político-pedagógico*. Campinas: Papyrus, 2008, p. 175-214.



## ANÁLISE DO PRÉ-TESTE DO MÉTODO DE PESQUISA E DE SEUS INSTRUMENTAIS: UMA EXPERIÊNCIA COM GRUPOS FOCAIS DE CRIANÇAS

*Edivone Meire Oliveira*

*Francisca Samara Teixeira Carvalho*

*Liliann Keylla de Freitas Araújo*

*Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues*

### Introdução

Segundo Goldemberg (1999), a pesquisa científica tem como fundamento a busca de respostas a um problema. Logo, faz-se necessário a determinação de um conjunto de passos que possam conduzir o pesquisador às possíveis respostas aos questionamentos da investigação. Certamente, o grau de confiabilidade dessas respostas dependerá, em grande escala, dos procedimentos metodológicos adotados e, mais especificamente, da seleção de um método de pesquisa que possa atender às determinações da natureza do objeto de estudo e de seu objetivo.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta a análise do pré-teste do método e dos instrumentais que foram utilizados em uma pesquisa que objetivava conhecer os fatores intervinientes à melhoria do desempenho dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas municipais do Ceará, nos últimos anos.

Assim, considerou-se a perspectiva de crianças, professores e gestores, por meio de suas compreensões, percepções, sentimentos, significados, conceitos e valores: os Grupos Focais tornaram-se um imperativo à pesquisa. Contudo, a análise aqui apresentada refere-se, exclusivamente, ao pré-teste do Grupo Focal realizado com as crianças da pesquisa.



## Grupo Focal: Conceito e Caracterização

Grupo Focal (GF) é um método de pesquisa qualitativa que tem como objetivo instigar a discussão entre integrantes de um grupo, a partir de suas experiências, sobre um determinado tema, que deve ser o objeto de estudo da pesquisa. O que difere o GF de “entrevista de grupo” é a atenção que o pesquisador deve ter com as interações do grupo no decorrer das discussões: esse método se caracteriza, especialmente, pela valorização das interações entre os indivíduos do grupo. Essas interações, que são viabilizadas pelos debates, promovem *insights* sobre o tema em questão. Cabe ao pesquisador captar esses *insights* para posterior análise (BARBOUR, 2009).

Um GF pode ser formado por: i) um **moderador**, que deve estimular e facilitar o processo de interação entre os participantes, engendrando uma conversa franca entre seus componentes e ainda focar as discussões nos objetivos da pesquisa; ii) um **relator**, que deve observar e relatar as comunicações verbais e não-verbais do grupo; iii) um **observador**, que possa estar atento aos sinais corporais, gestuais e de entonação de voz dos participantes; iv) um **operador de gravação**, para a garantia de boa qualidade técnica das gravações das sessões; v) **profissionais competentes para as transcrições** literais das gravações e digitação de todos os dados da pesquisa de campo e, por fim; vi) os **participantes**, que devem ter algumas características em comum: nível de escolaridade, condição social, profissão, dentre outras (BARBOUR, 2009; CAREY, 1994).

O grupo deve ter em média 6 a 12 integrantes e ter duração de, no máximo, duas horas. O espaço físico utilizado pelo pesquisador deve viabilizar a participação e proporcionar conforto ao grupo. Encontrar um espaço que seja aceito por todos será muito difícil, mas o cuidado de maximizar a participação e integração dos participantes deve estar acima de tudo (BARBOUR, 2009; CAREY, 1994).

Comumente, nesse método de pesquisa, são utilizados: i) **Roteiros de Debate**, instrumentos constituídos por temas-chave abrangentes, seguidos por questionamentos mais específicos (probes<sup>1</sup>); ii) **gravadores** e; iii) **diários de campo**. No caso da referida pesquisa, no GF das crianças, foram elaboradas **fichas didáticas** com a intenção de que fosse assegurado o aspecto lúdico e a contextualização dos temas abordados.

Essas fichas continham cenas que retratavam os temas em pauta para incitar nas crianças reflexões sobre suas realidades e vivências, estimulando-as a expor suas idéias e desenvolver livremente opiniões, crenças e sentimentos sobre sua vida escolar. Além disso, foram assinados **Termos de Livre Consentimento Declarado** pelos pais ou responsáveis das crianças e pelos professores que participaram da pesquisa. Ademais, a identidade dos participantes é absolutamente sigilosa, tendo-lhes sido substituídos seus nomes por cognomes.

## Pré-Teste: Sua Importância

O pré-teste consiste em uma fase essencial da pesquisa, momento em que o pesquisador entra em contato, de forma experimental, com os instrumentais a serem utilizados, com a metodologia adotada e com os possíveis sujeitos da investigação. De acordo com Gil (2006), o pré-teste tem a finalidade de certificar a validade e precisão de instrumentos de pesquisa. Em consonância com Vianna (2005), “uma avaliação, qualquer que seja a natureza, demanda a pré-testagem dos instrumentos, a fim de adequá-los aos sujeitos integrantes do conjunto avaliado”.

## Metodologia e Análise dos Resultados do Pré-Teste

O pré-teste foi realizado em um município do Estado do Ceará, em junho de 2010, mediante a realização de um GF, com

<sup>1</sup> Especificidades dos temas-chave, questões que devem ser abordadas pelo mediador, que constam no Roteiro de debate.



12 crianças de escolas urbanas e rurais, selecionadas aleatoriamente. Com isso, buscou-se conferir:

- A Estrutura do GF: organização, disposição e ordem dos elementos essenciais que compunham o GF;
- A didática de trabalho com as Fichas Didáticas;
- A forma como foi realizada a mediação do GF;
- A adequação dos temas-chaves e sua probes.

Finalizada a sessão do GF, realizadas as transcrições e de posse dos diários de campo, realizou-se a análise do pré-teste, que evidenciou os seguintes equívocos sujeitos a correções imediatas para, utilização subsequente na pesquisa propriamente.

### Quanto à estruturação do GF

#### *Ausência de um “quebra gelo”<sup>2</sup>*

Percebeu-se que as crianças iniciaram o GF muito tensas, demonstrando medo de participar das questões propostas e desconfiança para com as atividades propostas. Sentiu-se, portanto, a ausência de algo que pudesse integrar as crianças, umas com as outras e com a mediadora, na medida em que uma equipe estranha à comunidade escolar, de certa forma, invadiam o espaço em busca de informações sobre sua vida escolar.

Assim sendo, inferiu-se que a inclusão de um “quebra gelo” seria necessário para o relaxamento das crianças, bem como para a integração dos participantes do grupo. Esse quebra gelo pode ser baseado em músicas infantis conhecidas, atividades com jogos e brincadeiras, apresentação de fantoches, Literatura Infantil, dentre outros.

<sup>2</sup> Dinâmica comumente utilizada em abertura de sessões de Grupos Focais para relaxar e integrar os participantes.



### *Participação e interrupção do GF por pessoas não recomendadas*

A função de desenvolver e estimular as discussões no GF é somente do mediador. Observou-se, no pré-teste, que a participação e/ou interrupção de terceiros nesse trabalho prejudica o bom andamento da atividade, mesmo que estes tenham a intenção de auxiliar. Essa intervenção pode prejudicar o planejamento feito pelo mediador. Segue exemplo de uma integrante da equipe (será ter o cognome Maria) que, observando a tensão das crianças, por falta do quebra gelo inicial no pré-teste, sugere, no meio do GF, uma atividade de relaxamento e integração:

Mediadora – diz, Maria.

Maria – [...] talvez a gente possa, pra relaxar mais um pouco, ler um daqueles livrinhos curtos...

Mediadora – tu acha? Dá certo ler agora?

Maria – agora, não, é, ler eu num sei, eu acho que agora não né? Mas, talvez, se tivesse assim uma história...

Em outra situação, a mesma integrante interrompe, novamente, perguntando se uma criança que chegou atrasada poderia entrar e participar do GF: Maria – olha, essa aqui chegou agora, pode?

Mediadora – poder não poderia porque a gente já começou...

Essas conversas entre os integrantes da equipe de pesquisadores sobre a didática de trabalho em andamento, durante o GF, na presença das crianças, podem aparentar despreparo da equipe. Segue outro exemplo:

Mediadora – pois é, a gente vai ter que inventar uma história depois, que tenha elementos do que a gente tá trabalhando aqui.

Maria – com certeza! É.



Mediadora – tá entendendo, gente? Por isso, a caixinha... num é? Vão pensando possibilidades, certo? (a mediadora sugere uma dinâmica, a caixinha didática, como sugestão de quebra gelo para as próximas sessões)

Mediadora – Maria, vamos incluir da próxima vez uma figura da prova (dirigindo-se a uma integrante da equipe de pesquisa e referindo-se a uma pergunta sobre avaliação).

Certamente, a interrupção da mediação por outros integrantes do grupo pode comprometer a fluidez da condução do GF. Outrossim, a presença de pessoas não convidadas na sessão é totalmente desaconselhável. Portanto, a equipe de pesquisa deve estabelecer as regras antes de iniciar, de fato, o GF, a saber:

- a) Não é permitida a entrada de pessoas após o início das sessões;
- b) somente são permitidas as presenças no GF dos participantes convidados;
- c) Qualquer participante poderá sair da pesquisa, caso queira, mas deve pedir licença para não atrapalhar o andamento da conversa;
- d) os temas-chave serão bordados pelo mediador, que conduzirá toda a discussão. O relator ou observador poderão chamar a atenção do mediador, de forma discreta, quando verificar que algumas crianças não estão participando, por exemplo.
- e) O número de participantes de uma sessão de GF deve ser de entre 6 e 12 pessoas, nunca mais que isso. Um número excessivo pode gerar conversas paralelas indesejáveis e a não participação de todos na discussão das temáticas.



### *Conversas paralelas entre o observador/relator e as crianças*

Em determinados momentos, observaram-se conversas paralelas entre as crianças e o “observador” e entre as crianças e o “relator”. Tais procedimentos comprometem a fluidez da discussão e em nada contribuem para se atingir o objetivo da pesquisa. Recomenda-se que cada integrante da equipe de pesquisa tenha clareza de sua real função no GF. A conversa deve ser conduzida exclusivamente pelo “mediador”.

### **Quanto às Fichas Didáticas**

#### *Utilização inadequada das Fichas Didáticas*

Sobre a utilização das fichas, o pesquisador deve estar atento para o perfeito manuseio desta ferramenta. No pré-teste, a mediadora não contextualizou as fichas, não questionou os alunos sobre o que eles estavam vendo nas imagens, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Segue exemplo ilustrativo desse equívoco:

Mediadora – E se eu colocar aqui uma foto, tá certo? Que vocês vão me dizer como é que é a professora de vocês, com qual delas a professora de vocês se parece, tá certo? Vocês vão dizer pra gente qual dessas figuras... olhem bem, tá certo? Que vocês vão ver em sala de aula.

Crianças – é, é essa daqui, ó!

Mediadora – E o José? Que tem um nome lindo.

José – a quatro.

Mediadora – essa quatro aqui? Por que, José? Diz.

José – porque a minha professora é loira.

Mediadora – a professora é loira! Legal!



Neste caso, a mediadora mostrou algumas fichas didáticas com cenas que representavam formas de tratamento de professores em relação aos alunos: relações harmoniosas, carinhosas e aconchegantes e, por outro lado, relações humilhantes, grosseiras e temerosas. A criança escolheu a ficha quatro em função, de acordo com a pergunta mal elaborada da mediadora, da aparência física da professora da ficha, não respondendo aos objetivos da questão de se conhecer a forma como as professoras tratavam os alunos.

Outro exemplo pode esclarecer a seriedade de um erro dessa natureza:

Mediadora – todas as escolas que vocês estão, na sala de aula de vocês é desse jeito (apontando para uma ficha didática que apresentava uma cena de escola feliz)?

Crianças – é.

Mediadora – Pedro, tu tá gostando das figuras que eles estão escolhendo? Hein gente? Vocês dois? A Helena? Essa ou essa Lia que a tua tia fica na sala de aula?

Nesse caso, a mediadora tem a intenção de que as crianças escolham uma ficha que retrate a sua sala de aula, todavia, a forma como fala não deixa claro o que realmente deseja, levando as crianças a escolherem fichas aleatoriamente, já que não sabem ao certo o que devem fazer.

## Quanto à Condução da Mediação do GF

### *Parcialidade da mediadora*

Em alguns momentos, a mediadora mostrou-se favorável ou não às declarações das crianças ou mesmo ironizou uma dada resposta, o que pode ter gerado a inibição dessas crianças



de manifestarem suas verdadeiras opiniões e sentimentos com relação aos temas colocados, ou mesmo pode ter inibido outras crianças a manifestarem seus reais posicionamentos. Segue exemplo:

Mediadora – gente, o que é que vocês falam pra professora?

Crianças – é bom dia.

Criança 2 – boa noite!

Criança 4 – passa pra dentro!

Crianças – boa tarde!

Mediadora – passa pra... (riso, quando, por algum motivo, chama a atenção do grupo para a resposta de uma criança que respondeu: “passa pra dentro!” à pergunta sobre como é que começava a aula na escola)

Pode-se verificar, no exemplo, que uma criança não entendeu o motivo da graça:

Criança 2 – tia, o que é ‘passa pra dentro’?

Mediadora – entra, menino! (riso novamente)

Outra situação evidencia o riso inoportuno da mediadora:

Mediadora – Ana? Ninguém fica assim na hora da tarefa? (apontando para uma ficha que mostrava a cena de uma criança com muitas dúvidas durante a tarefa de casa)

Criança – não.

Criança – eu fico.

Mediadora – (riso) tu fica?

Apesar de ser uma conversa informal, o riso pode inibir o aluno de falar, pois ele pode ter falado sem a intenção de fazer rir, já que retratava o que acontecia na sala dele. Isso pode



provocar tanto nele, quanto em outras crianças a insegurança de falar algo e ser ironizado.

### *Utilização de perguntas tendenciosas*

As perguntas tendenciosas são aquelas que induzem a resposta do participante. Nesse caso, a pergunta já contém a resposta, como se a pergunta fosse feita na intenção somente de confirmação do eu se deseja ouvir. Seguem exemplos:

Mediadora – A gente tem de seis a oito anos, tá certo? Quê que a gente vai fazer hoje, a gente vai conversar sobre a escola, tá certo? Sobre os professores, sobre o lanche, sobre como é legal ler, escrever, vocês gostam?

Crianças – gosta.

Mediadora – todo mundo gosta? Todo mundo já sabe ler e escrever?

Crianças – sim.

Mediadora – Todo mundo gosta da escola?

Crianças – gosta.

Mediadora – a tua professora é legal? Tu gosta dela?

Criança – gosto.

Mediadora – todo mundo feliz? Que legal! Então isso significa que vocês gostam da tia de vocês, da professora?

Crianças – gosto.

Mediadora – como é a professora de vocês? Ela é inteligente?

Criança – é

Mediadora – (ela) sabe muita coisa?

Criança – sabe.

Mediadora – falando em comida gostosa, o lanche da escola é gostoso?

Crianças- é, é, é.



Com o estudo sobre GF verificou-se que o mediador não deve interferir na opinião, nem induzir as respostas das crianças. Toda pergunta ou tema deve ser colocado para os participantes de forma imparcial e não tendenciosa. Logo, ao invés de perguntar se o aluno gosta da professora ou acha a professora legal, a pergunta deveria ser: “O quê vocês acham da professora de vocês?” ou “Como é a professora de vocês?”.

### *Falta de linguagem adequada nas abordagens dos temas*

Por se tratar de crianças, o tema abordado deve ser apresentado de forma contextualizada, clara e objetiva, com linguagem apropriada à infância, sem subestimar, é claro, as possibilidades lingüísticas e interativas das crianças. Se necessário, o mediador deve explicar a pergunta para que todos entendam e respondam de acordo com suas vivências. O mediador deve evitar discursos pautados em abstrações e figuras de linguagem como metáforas, por exemplo. A mediadora, em alguns momentos, não usou uma linguagem adequada para abordar os temas-chaves da pesquisa. Note-se no exemplo a seguir:

Mediadora – Então, vocês vão dizer como é que vocês sentem na escola. Qual dessas três figuras vocês... é... se sentem, como é que vocês se vêm dentro da escola, tá certo?

### *Generalização das respostas das crianças pela mediadora*

Outro cuidado que o moderador deve ter nas mediações é respeitar as posições contrárias a maioria. Percebemos falha nesse quesito quando a mediadora induziu os alunos a responderem de acordo com a maioria. A mediadora deve ter uma postura imparcial para todas as opiniões/respostas apresentadas pelos alunos, para que os mesmos não se sintam coagidos e acabem não evidenciando a verdade, como ilustrado a seguir:



Mediadora – todo mundo gosta da escola?  
 Criança – eu gosto.  
 Mediadora – Eu tô vendo que falta gente levantar o dedinho. Tu gosta, Joana, também, da escola?  
 Mediadora – Na sala de aula de vocês, todo mundo fica feliz dessa forma?  
 Crianças – fica!  
 Mediadora – todo mundo tem livrinho na sala?  
 Criança – a minha (sala), né, não.  
 Mediadora – e, quando tão fazendo a tarefa de casa, todo mundo consegue fazer direitinho? Todo mundo tem tarefa?

Note-se que a pergunta do exemplo acima (todo mundo tem livrinho na sala?) poderia ser substituída por: *Quem tem livrinho em sala?* Pois o “*todo mundo*” pode gerar uma falsa confirmação pela maioria, e o importante no GF não é saber só as opiniões da maioria, mas também as discordâncias, as diferenças. Nesse sentido, todos os relatos das crianças seriam importantes para evidenciar os fatores intervenientes ao avanço ou não do desempenho escolar das crianças pesquisadas. O objetivo do GF não é se chegar num consenso e sim obter variadas informações.

### *Estimulação da participação das crianças mediante reforço externo*

A estimulação mediante reforço externo, sobretudo material, pode comprometer o trabalho em função das expectativas pelas crianças, que podem apressar-se em suas respostas para receberem logo seu prêmio. Recomenda-se uma estimulação lúdica, intrínseca. Segue exemplo da falha cometida:

Mediadora – gente, como tá todo mundo em silêncio, será que ninguém vai ganhar o prêmio que a gente trouxe?



Acredita-se que não foi uma boa forma para estimular os alunos a participarem. Os alunos tinham que se sentir a vontade para falar a realidade, não deveriam falar só para ganhar um prêmio no final da conversa.

### Quanto aos Temas e Probes Abordados

De acordo com Gil (2006), o pré-teste pode evidenciar possíveis falhas em perguntas imprecisas e/ou desnecessárias ao objetivo da pesquisa, gerando dificuldades no entendimento por parte dos participantes. Além disso, o pré-teste pode mostrar as questões que podem deixá-los coagidos ou exaustos, o que deve ser descartado.

De fato, o pré-teste mostrou a irrelevância de algumas probes, em decorrência de sua inadequação aos objetivos da pesquisa, a exemplo das perguntas sobre a forma como as crianças chegavam à escola e/ou sobre o transporte escolar. Outro motivador da supressão de algumas probes foi a sua grande quantidade, em alguns temas-chave. Percebeu-se que é mais produtiva uma quantidade menor de questões e mais discutida por todos a uma grande quantidade pouco debatida.

### Conclusão

Evidenciou-se, nesse trabalho, a importância e necessidade da pré-testagem dos instrumentos de pesquisa e método adotado pelos pesquisadores. Durante o pré-teste realizado, identificaram-se significativos equívocos quanto a estrutura do GF, sua organização, disposição e ordem dos elementos essenciais; quanto à didática de trabalho com as Fichas; quanto à forma como foi realizada a mediação do GF e quanto aos temas e probes abordados.

Essas falhas metodológicas, caso não fossem identificadas através do pré-teste, poderiam acarretar sérios problemas



à confiabilidade e veracidade dos resultados da pesquisa, na medida em que apresentariam realidades imprecisas e irreais da vida escolar das crianças, falseando suas respostas. Verificou-se, no caso de grupos focais com crianças, a importância e pertinência de uma abordagem lúdica aos Grupos Focais, o que resultaria em participações mais efetivas e prazerosas das crianças. Enfim, o pré-teste de metodologias e instrumentos torna-se imprescindível às pesquisas científicas.

### Referências

- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CAREY, M. A. **The group effect in focus group: planning, implementing, and interpreting focus group research**. Em M. Morse (Org.), *Critical issues in qualitative research methods* (pp. 224-241). Thousand Oaks: Sage, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas 2006.
- GOLDEMBERG, M. (1999) **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record.
- VIANNA, H. M. **Fundamentos de um programa de avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.



## AS CONTRIBUIÇÕES DA AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA REALIZADA PELO PAIC PARA O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR

*Arleide Bezerra Bento*

*Samilla da Silva Brasil*

*Ellen Lara Pereira Silva de Oliveira*

*Ana Paula de Medeiros Ribeiro*

### Introdução

Pensar a alfabetização atualmente requer estudo, dedicação e um novo olhar por parte do profissional. Saber decodificar o que se lê não é suficiente, é preciso compreender o contexto que lhe é apresentado de maneira significativa. Saber ler não significa ser letrado. O conhecimento de mundo que a criança traz para o interior da instituição deve ser levado em consideração, afinal, esta se depara com uma grande variedade de textos e situações nas quais deverá utilizar-se de suas competências para compreender o que se trata e que tipo de informação está inserida. Com o surgimento da avaliação em larga escala e a divulgação dos seus resultados, a escola encontra possibilidades de intervir significativamente junto ao aluno.

Dentro desse contexto está inserido o Programa de Alfabetização da Idade Certa (PAIC). Desde sua criação oficial, em 2007, o programa apresenta uma estrutura formada por cinco eixos: 1 – Avaliação Externa, 2 – Gestão da Educação Municipal, 3 – Alfabetização (Gestão Pedagógica), 4 – Educação Infantil e 5 – Formação do leitor, que atuam de forma sistematizada e integrada.

O Eixo de Avaliação Externa é o responsável pelas atividades que envolvem a avaliação dos alunos, desde a fase de planejamento até a de divulgação dos resultados. Sobre esta última etapa, vale ressaltar que o Eixo oferece aos municípios